REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS | ISSN: 2447-0244
V. 3, n. 2, ago-dez. 2017
Missões

A SOCIEDADE RECREAÇÃO FAMILIAR JAGUARENSE EM JAGUARÃO RS (1852 – 1881) [1]

THE *SOCIEDADE RECREAÇÃO FAMILIAR JAGUARENSE* IN JAGUARÃO, RIO GRANDE DO SUL, BRAZIL (1852 – 1881)

Alan Dutra de Melo [2]
Ronaldo Bernardino Colvero [3]

Resumo: Este estudo faz parte da tese em andamento sobre a Associação Cruzeiro Jaguarense em Jaguarão, mais conhecida como Clube Jaguarense, cuja sede central está localizada no centro da cidade, dentro do perímetro da zona de tombamento realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Neste trabalho destacaremos os primórdios da entidade localizada entre os anos de 1852 a 1881, ainda como denominação de Sociedade Reacreação Familiar Jaguarense. A metodologia do estudo é de natureza interdisciplinar com enfoque qualitativo, utilizando como fonte principal são os jornais do século XIX. Os resultados encontrados apontam para a importância do bem cultural, destacando as memórias associadas ao objeto de estudo e suas intersecções com a história local.

Palavras-chave: Associação Cruzeiro Jaguarense; História; Jaguarão; Memória; Patrimônio Cultural.

Abstract: This study forms part of a dissertation, currently underway, about the *Associação Cruzeiro Jaguarense* in Jaguarão, Rio Grande do Sul Brazil, better known as *Clube Jaguarense*, whose head office is located in the city´s downtown within the perimeter of the area officially declared as national historical heritage by the *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (IPHAN). In this article we highlight the beginnings of this organization between 1852 and 1881 when it was still referred to as *Sociedade Reacreação Familiar Jaguarense*. The methodology of this study is interdisciplinary, has a qualitative focus, and as employs 19th century periodicals as its principal sources. The results obtained point to the importance of this cultural resource, highlighting the memories associated to this object of study and its intersections with local history.

[1]Trabalho realizado com base no apresentado e encaminhado para publicação nos anais do evento: III Seminário História e Patrimônio: diálogos e perspectivas realizado entre os dias 24 a 27 de outubro de 2017 em Rio Grande RS. Realização: Fundação Universidade Federal doe Rio Grande – FURG.

[2]Doutorando em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas. Contato: alandutrademelo@gmail.com

[3]Doutor em História PUC RS, Professor Adjunto da Universidade Federal do Pampa/Universidade Federal de Pelotas – PPG Memória Social e Patrimônio Cultural. Contato: rbcolvero@gmail.com

Keywords: Associação Cruzeiro Jaguarense; history; Jaguarão; memory; cultural heritage.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentarmos o Club Jaguarense no momento de sua fundação em 1881. A entidade em sua denominação atual, como Associação Cruzeiro Jaguarense remonta ao ano de 1975, momento em que o clube realizou uma fusão de patrimônio com o Esporte Clube Cruzeiro do Sul, um clube de futebol criado em 1924.

Para tanto, abordamos os antecedentes do Club Jaguarense, recuando ao ano de 1852 quando ocorreu a criação da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, chamada, na época, de Bailante, pelas atividades que nela eram desenvolvidas. Essa Sociedade originou o Club Jaguarense, após a dissolução da Bailante, atendendo a elite local e alcançamos ao desfecho desta proposta o ano de 1881, deixando os períodos subsequentes para análise em outros trabalhos.

Sobre o que pretendemos, acompanhamos Pesavento (2005), entendo as potencialidades e os limites desta empreitada. Na concepção da autora:

> Em termos gerais, pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio de suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo. [...] A rigor, o historiador lida com uma temporalidade escoada, com o não-visto, o não-vivido, que só se torna possível acessar através dos registros e sinais do passado que chegam até ele (PESAVENTO, 2005, p. 42).

Portanto, parece-nos que a história cultural aponta para um dos suportes teóricos cabíveis para a observação e reflexão sobre o Club Jaguarense, como um artefato cultural que expressa e traduz a realidade de forma simbólica. O tópico, em suma, inicia relatando o ambiente festivo do Brasil Colonial; seguindo do aparecimento do clube, em que abordamos também as atividades recreativas e sociais encontradas como pertinentes a entidade, os fundadores e, como ponto importante, o carnaval.

A SOCIEDADE RECREAÇÃO FAMILIAR JAGUARENSE (1852-1881)

No período que nos toca, cabe-nos pensar sobre a sociabilidade no século XIX e como era o ambiente das festividades, não só em Jaguarão, mas no Brasil Colonial como um todo, reconhecendo que apesar do país já não ser mais colônia desde 1822, entendemos que alguns traços da cultura portuguesa são importantes para que se compreenda também parte do Brasil Imperial(1822-1889).

Podemos iniciar o percurso lembrando que a vida neste período estava profundamente marcada pelo tempo religioso, tendo em vista que a igreja católica estava amalgamada com o estado. Araújo (2008), em seu trabalho destaca que, no contexto colonial citado, havia, na sociedade, um espaço demasiado para festas, especialmente as religiosas. Em seu escrito:

> Havia, com efeito, grande quantidade de dias santos e feriados civis; em finais da década de 1810, segundo Spix e Martius, os primeiros eram exatos 35, os segundos 18 no total. O que significava, só aqui, 14,5% do ano. Acrescentem-se a esses dias de folga – e de folguedos – os domingos, naturalmente santificados, o do padroeiro do lugar e os de comemorações especiais (que ninguém era de ferro), como a transladação de qualquer imagem de uma igreja para outra, a chegada de um bispo [...] (ARAÚJO, 2008, p. 127).

De acordo com que propõe Araújo (2008), a festa era considerada uma obrigação coletiva imposta, especialmente pelo estado através da igreja católica, diferentemente de como a entendemos hoje. Na época em questão, tratava-se de uma forma impositiva inscrita numa organização social rígida a tal ponto dos súditos pagarem multas caso não participassem das procissões. O autor relata:

> As autoridades mais do que estimulavam, obrigavam, a participação nas procissões. Considera-se que a lei maior do Reino, as *Ordenações*, mandava assim que assim fosse até para o morador a menos de uma légua da vila ou cidade em que se fizesse uma procissão, sob pena de pagar "da cadeia mil-reis, a metade para o Conselho e a outra para quem acusar". [...] Por seu turno, as autoridades eclesiásticas eram magnânimas nessas resoluções, tanto que desde 1707 um sínodo diocesano estabelecia com rigidez provavelmente desnecessária que seria pecado mortal a não observância dos dias santificados (ARAÚJO, 2008, p. 128).

Neste contexto de influência religiosa, Araújo (2008) faz outro apontamento, que encontramos com um traço cultural marcante em nossa religiosidade, marcada primeiramente mais pelas pompas do que pela humildade piedosa:

> Neste estilo de vida que valoriza descomedidamente a indolência, havia lugar natural de destaque, sob incitação do Estado, para diversões públicas. Um estudioso do Barroco, Werner Weisbach, afirma que nas intenções contra-reformistas da Companhia de Jesus se incluía como forte elemento a propaganda "a satisfação pelo gosto e pela suntuosidade". Nas procissões, em particular, esbanjava-se tal esplendor e seus participantes podiam demonstrar em toda a pujança seu prestígio e poder, quer exibindo, durante o cortejo, trajes e ornamentos verdadeiramente deslumbrantes, quer ocupando posição de relevo no desfile religioso ou em outras cerimônias [grifo do autor] (ARAÚJO, 2008, p. 170-171).

Estas considerações de Araújo (2008), a nosso entender, nos ajudam a pensar sobre os primórdios da festa e de sua disposição dentro da organização social que, de alguma forma, influenciaram na constituição das festas durante o século XIX. A esse respeito, Martins (2005) reconhece, em Jaguarão, essa propensão para atividades lúdicas e festivas.

> é que as constantes crises enfrentadas pela população, não impediram a realização em investimentos em atividades lúdicos-culturais, o que demonstra tratar-se de uma comunidade que buscava além do crescimento econômico, uma aproximação com o mundo cultural e artístico da época (MARTINS, 2005, p. 247).

Tal como elencado por Martins (2005) podemos considerar que existia um ambiente propício ao lazer, e esta característica pode ser aferida em uma das fontes do nosso arquivo, quando realizada a leitura do mesmo. Vejamos o que diz o cronista, no *Jornal de Rio Grande*[4], no ano de 1855, sobre a oportunidade e a importância de participar de um baile, esclarecendo que optamos por manter a grafia da época, nesta nota e nas seguintes que se referem aos periódicos consultados no século XIX:

> A semana que vem, deve ser cheia, segundo anuncia, as notas telegráficas, e eu já me empenhei como Hyppolito, para me comunicar o que de bom ocorrer pelo baile d'ámanhan; um divertimento desta ordem neutraliza a influencia dos dissabores que

[4] Müller (2010) escreve que este jornal se destacava pelo seu caráter conservador e liberal, em fases distintas, sendo um dos jornais mais importantes do RS que circulava na zona sul gaúcha. Foi fundado em 1848 com atividades finalizadas em 1911.

> se possam experimentar em uma semana inteira; tenho o convite em cima d'esta mesa, e a promessa do Hyppolito, é tudo quanto necessito o que por lá se passar. Dizem que este baile está acima do ordinário ou do costume, quanto ao serviço e a concorrência: eu observarei tudo, e darei a minha opinião; podendo desde já afirmar que a diretoria é composta de homens de bom gosto, começando pelos doutores que a isto responderão: se a bailante foi sempre bem dirigida, há razão para sê-lo melhor, porque até dos males phisycos esta livre: contanto dous médicos de reconhecido mérito (DIÁRIO DE RIO GRANDE, 19 de abril de 1855).

Do exposto, podemos observar uma ocorrência importante que encontramos através do nosso trabalho analítico nos jornais pesquisados na Biblioteca Rio-Grandense em Rio Grande, que referencia diretamente a Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, reconhecida como Bailante, na época. Nas palavras do cronista podemos verificar, além do acontecimento, a formalidade com que foi convidado, visto que se tinha um convite à mesa. Mais ainda, podemos confirmar a presença da elite na administração desse espaço de sociabilidade quando ele se refere aos dois responsáveis da localidade que faziam parte da gestão da bailante, identificando-os pela qualificação profissional, médicos, somado a adjetivação "bom gosto". Até este ano Jaguarão ainda fazia parte de Rio Grande, e sua autonomia administrativa e portanto caracterização como cidade autônoma ocorre em 23 de novembro de 1855.

Nesta mesma matéria, também consta descrita a participação do cronista em uma cavalhada, festividade esta que teatraliza uma disputa entre grupos de cavaleiros com espadas. Precisamente, dois grupos rivais que representavam respectivamente os portugueses, como cristãos, e os mouros. Com efeito, estes relatos são importantes a nosso entender, pois as menções ao ano de 1855, em Jaguarão, normalmente versam sobre a ocorrência do cólera[5] na cidade.

Outro fator que pode ser destacado na nota que trazemos, trata-se do aparecimento da Sociedade Recreação Familiar, que até então só havíamos identificado nos primeiros jornais existentes em Jaguarão no ano de 1857, em um primeiro momento, mas também encontramos referências em 1855 ao analisar os dados no ano de 2018. Agora, segue importante, a nota do jornal, em 1855 publicada em Rio Grande, em conjunto a correspondência oficial assinada por Henrique Francisco d´ávila e demais diretores em 1879, e assim podemos confirmar, especialmente no documento mencionado que a entidade foi fundada 1852.

[5] Cf. Soares (2011) A epidemia de *Cholera morbus* foi decretada em 21 de novembro de 1855, após 86 óbitos.

E sobre o baile assinalava o cronista que traria mais detalhes na semana seguinte, e assim o fez: no dia 05 de maio de 1855, registrou como foram as atividades em Jaguarão. Na sua notícia, "pois fique o mundo inteiro sabendo que estava brilhante, porque os moços e as moças dançaram muito", relatava ainda que o baile aconteceu nos arredores da Praça da Matriz – o local preciso em que funcionou a Bailante na época não foi localizado. E entre outros recreios ocorridos no mesmo dia, incluiu a participação num assado bovino diretamente no couro[6] – atividade que encontramos, ao que as fontes apontam, como realizada no começo do século XXI, no Clube Jaguarense.

Figura 1 – Assado no couro no Clube Jaguarense



Fonte: Disponível em: Acervo da Associação Cruzeiro Jaguarense (s.d.)

[6] Assado tradicional em que a carne fica muitas horas (aproximadamente 12 horas) sendo assada diretamente no couro do animal bovino. Presenciamos esta atividade na Estância Bandeira, em Jaguarão, no dia 27 de janeiro de 2009, durante uma tradicional festividade, feriado municipal, uma comemoração que celebra a vitória sobre a invasão dos blancos uruguaios no município, em 1865 (no contexto dos conflitos que precipitavam as animosidades que logo culminariam na Guerra do Paraguai).

Retornando à nota do cronista:

> Registro mais uma comelona que houve no dia imediato, em uma chácara no cordão de Jaguarão: os assados em couro ficam excelentes, quando guerreados debaixo de frondosos alamos ou salsos com um bello tanque á pequena distância, e mais ainda ouvindo-se harmonias de uma banda de musica: tive uma sensação inexprimivel ao vêr-me no meio de homens de bom gosto, sobresahindo, o dono da casa que não sei por que o não vi no baile. N'esse mesmo dia houve baile mascarado, experiencias do Sr. Santiago, baile improvisado, segundo me diceram. **A tudo assisti: e quando me retirava, dice comigo: e digam lá que em Jaguarão se não vive, que se vejeta apenas? Quatro divertimentos em um só dia, só na corte do Rio de Janeiro;** para Jaguarão, é divertimento em demasia: pode causar indigestão; que os médicos possam não curar [grifo nosso] (DIÁRIO DE RIO GRANDE, 05 de maio 1855).

Fica evidenciado, dessa maneira, o clima festivo, bem com a importância das festas e das celebrações no quotidiano de Jaguarão, visto a interjeição do cronista de que seria muita festa para época, assinalando que quatro divertimentos em um só dia, só na corte do Rio de Janeiro, destacando inclusive a presença de uma banda de música. Há o entrelaçamento nestas atividades entre o exército e a igreja, com vinculação na imprensa, como pode ser visto na nota que segue:

> Não devo esquecer de registrar, que a banda de musica da guarda nacional, foi tocar á porta do nosso digníssimo e respeitável vigário, que havia recebido uma provisão de vigario da vara, e outra de vigario da igreja Jaguarense aprovei e aplaudi a lembranças d'áqueles para demonstrar o quanto é credor de apreço o mesmo vigario: Deus lhe dê força para guiar ao caminho da salvação o rebanho que lhe está confiado (DIÁRIO DE RIO GRANDE, 05 de maio 1855).

O uso de jornais como fonte de pesquisa, nos moldes que trabalha Barbosa (2010), é adequado para se compreender a sociedade da época, "entre a dialética lembrar e esquecer, os jornais diários vão se constituindo como 'senhores da memória' da sociedade, aumentando seu campo de atuação e o seu poder" [grifo da autora] (p. 130). Recapitulando:

> Funcionando como espécie de memória escrita de uma determinada época, o jornal retém o excepcional. E mesmo quando os fatos mais cotidianos aparecem fixados sob a forma de notícias, há sempre um nexo da narrativa que transpõe esses mesmos acontecimentos do lugar do comum para o do extraordinário. Aprisionando o acontecimento num suporte de excepcionalidade, reproduz-se sob a forma de letras impressas a memória do que é excepcional (BARBOSA, 2010, p. 131).

No que tange os bailes no século XIX, no Rio Grande do Sul, Ramos (2006) esclarece que "nos clubes, tanto da capital, como do interior, o baile era atividade social por excelência, assim como ir ao teatro e frequentar a missa aos domingos e/ou nos dias de festa" (p. 426). E explica mais:

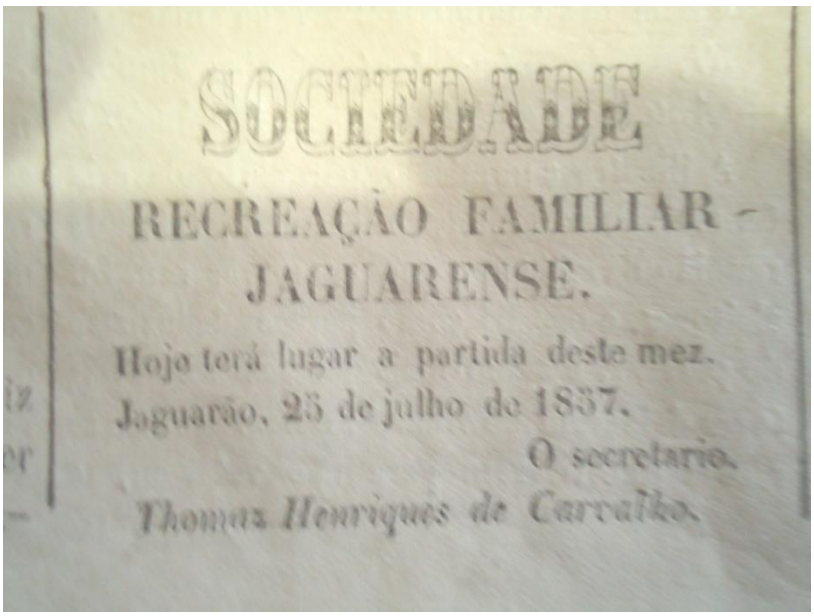
> Em meados do século XIX, quando os estancieiros passaram a residir na cidade, em geral, ocuparam uma área nobre, quase sempre representada pelo entorno da praça. Laudelino de Medeiros escreveu que "ao redor da praça e ao longo da rua principal estão as habitações mais ricas. São casas de estancieiros. A frente alta estruturada, com sacadas e a porta principal proporcionada com degraus, muitas vezes de mármore. O piso da casa está a cinquenta centímetros do solo ou mais de um metro (…) de quando em vez essas casas são sobrados" [grifo da autora] (KRAMER, 1969, p.100 ap. RAMOS, 2006, p. 429).

Visto esse espaço ocupado pela elite no RS, chamamos a atenção à importância do baile como forma de sociabilidade dessa elite sul-riograndense no século XIX. Ainda com a autora acerca do nosso Estado:

> Uma cidade tem muitas formas de se deixar ver e também de ser lida. Muitos são os sentidos da cidade. Percebê-los, através de sua sociabilidade, é uma das formas de vê-la e lê-la. Considerando que a sociabilidade está imbricada das condições econômicas e políticas dos habitantes, é mister ter em conta que ela vem no bojo dessas condições, mas é acrescida de distintas bagagens culturais e de costumes que poderiam ser inscritos na história de longa duração, que também acompanha os diferentes atores sociais urbanos. Em cada vila/cidade do Rio Grande do Sul no século XIX, é possível perceber esse processo de interação/segregação. Portanto, é possível, também, pensarmos nas relações. Em todas as cidades estudas há uma elite, quase sempre formada por estancieiros, charqueadores e comerciantes, possuidora de casas muito bonitas das cidades, do comércio, das terras e dos gados. É ela também que frequenta os bailes, os teatros e as festas, sejam elas religiosas ou profanas. Isso, de alguma forma iguala essas elites em seus lazeres e sociabilidades e os inscreve nos lazeres e sociabilidades de influência ocidental (RAMOS, 2006, p. 444-445).

Com foco na Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, reforçamos a vinculação da entidade com a elite, visto ser a única sociedade bailante, e isso permanece até a penúltima década do século XIX, quando são fundados dois clubes sociais, o Jaguarense e o Cassino Jaguarense, mais tarde denominado como Harmonia. Vejamos um exemplo de chamada para partida mensal:

Figura 2 – Sociedade Recreação Familiar Jaguarense (Divulgação)


SOCIEDADE
RECREAÇÃO FAMILIAR -
JAGUARENSE.
Hoje terá lugar a partida deste mez.
Jaguarão, 25 de julho de 1857.
O secretario.
Thomaz Henriques de Carvalho.

Fonte: Disponível em: Jornal *O Jaguarense*. 25 de julho de 1857.

Os bailes[7] que ocorriam no período de regime monárquico, eram bastantes valorizados no Brasil, no século XIX. Priory (2017) enfatiza que "as pessoas passavam a ocupar espaços públicos, quando outrora viviam no espaço privado. Esta chamada 'boa sociedade' constituía-se num círculo restrito com sutis gradações em seu interior, mesclando diferentes poderes" [grifo da autora] (s.p.). A saber,

> Em 1881, a palavra "baila" designava uma reunião festiva em que se bailava. "Bailada" era um baile popular, "Bailado", um sinônimo para fandango, "bailarico", uma festa familiar, e "baileco", um folguedo de má qualidade. As "partidas" ou reuniões noturnas, moda importada de Paris onde recebeu o nome inglês de "*rout*", congregavam levas enormes de convidados, vestidos na última moda, para uma reunião mundana. Ali, copo à mão, se conversava. O objetivo? Ver e ser visto. "Fui passar a noite na casa de X…", significava ter ido a uma partida. Quando reunia pouca gente, e menos tumultuosa, era a "*soirée"*: na definição de J. I. Roquette: "uma divisão do tempo em que a maior parte da gente, tendo preenchido suas ocupações e deveres, busca desafogo e desenfado na conversação e trato de pessoas estimáveis" [grifos da autora] (PRIORY, 2017, s.p.).

[7]Ao pesquisar os jornais citados anteriormente, da primeira metade da década de 1850 na Biblioteca Rio-Grandense em Rio Grande chamou-nos a atenção a existência naquele período inclusive anúncios de escolas onde constava a dança entre as disciplinas ofertadas.

Como forma de exemplificação deste clima em Jaguarão, transcrevemos, a seguir, outra nota a respeito dos festejos.

> **Festejos.** Segundo nos consta promove-se nesta cidade uma subscrição, para com seu producto festejar-se a chegada aqui dos bravos corpos de 3º de Infantaria e 5º de caçadores à cavallo. Os festejos constarão de um esplendido baile nos salões da sociedade Recreação Familiar, que será offerecido a brioza officialidade daqueles corpos, e de um jantar na praça de D. Affonso ao qual assitirão os dois corpos que devem se achar nesta cidade hoje ou amanhã. E´ digno de louvor tão patriótica ideia, e estamos certos que Ella teré a aceitação de todas a população do lugar. (ATALAIA DO SUL, 29 de maio de 1870).

A fim de situarmos as sociedades bailantes aqui no sul, trazemos Loner (2016) quando escreve sobre a cidade de Pelotas. Segundo a autora,

> Para os primeiros anos o tipo mais comum foi a sociedade bailante, cuja função era realizar bailes periodicamente. Podiam ter sede própria ou funcionar junto a outra entidade, o que permite tecer a rede de relações entre os diversos tipos de associações. Algumas dessas sociedades desenvolveram grupos de teatro ou ofereciam jogos de salão para o desfrute dos associados. Elas estão entre as primeiras entidades encontradas como a Terpsichore (1865) e a Sociedade Phenix Pelotense (1868) em Pelotas e a Imperial Sociedade Instrução e Recreio em Rio Grande (LONER, 2016, p. 82).

Com relação a mesma cidade estudada por Loner (2016), Müller (2010) acrescenta a Sociedade Recreação Pelotense fundada em 1851. Dessa forma, sobre Jaguarão, acentuamos a existência apenas de uma sociedade, tendo como característica ser mais antiga das citadas por Loner (2016), fundada em 1852, nosso objeto, criada no mesmo período e com designação similar à da Sociedade de Pelotas, apontada por Müller (2010).

Dentre as atividades recreativas e lúdicas descritas nos jornais que encontramos no nosso arquivo, destacamos três exemplos que seguem abaixo:

> Folhetim – “Vou principiar com todos os anjos. Sim, com anjos; o baile em sua accepção verdadeira é um paraiso terrestre momentâneo aonde habitão, voão, sorriem, suspirão os anjos deste vale de lágrimas! (...) este folhetim dirige-se somente ao bello sexo (...) o baile começou 9 horas e meia (...) A concorrencia

> foi esplendida e selecta. As letras, as armas, as artes, o comercio, o luxo, a elegancia, a formusura, o espírito, abrilhantavão e reunião e formavam a mais bella sociedade. (...) A noite evaporou-se com enthusiasmo por entre prazeres e sorrisos. Dansou-se sete quadrilhas, muitas valsas e polkas. Grande parte da reserva do sexo feio, fez constantemente a guarda de honra das contradansas (...) o baile terminou ás três horas da madrugada do dia 19. Esta acabado o folhetim". (JORNAL ATALAIA DO SUL. Jaguarão, 22 de janeiro de 1871).
>
> Saráo – "No dia 24 do corrente, no salão da sociedade Recreação Familiar Jaguarense – Os Srs Emmanuel Cortés e Conde Luiz Mangui irão offerecerão ao público desta cidade um esplendido Sarao de presdigitação e concerto instrumental e vocal. A concorrência foi magnífica. O Sr. Córtés na exhibição dos seus trabalhos de presdigitação e magia, no dedilhar das cordas do seu mágico violão que palpita e soluça no canto de suas cançãos espanholas, esteve como sempre sublime. O Sr, Mangui cantou como nunca, tivemos o praser de ouvir diversas peças lyricas. Ambos foram freneticamente aplaudidos pelas famílias, e mais espectadores que se achão presentes. O saráo terminou a meia noite". (ATALAIA DO SUL. Jaguarão, 27 de janeiro de 1871).
>
> Cronica – "A vida sem o baile, seria o tedio; a sociedade sem a dansa, o deserto, a dôr, a magoa o desespero (...) Como mesmo comprehender-se a existencia sem os zig-zags da quadrilha, os pulinhos da polka e os retornellos caprichosos e doces da walsa?" (REFORMA. Jaguarão, 18 de setembro de 1872).

Portanto, fica evidenciado o caráter recreativo e lúdico do objeto pesquisado, que neste momento tem o primeiro trabalho que aborda esta entidade em Jaguarão. Retornando à bailante, já se encaminhando próxima do seu desfecho, antes de ser transformada no Club Jaguarense em 14 de agosto de 1881. Dentre os entretenimentos, abaixo, registramos uma nota do jornal *Atalaia do Sul,* de 1. de janeiro de 1875, que informava futura eleição da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense e aspirava melhorias, à medida que se enfrentava um período de crise.

> Mas a bailante não pode morrer. Já faz parte esta instituição do nosso organismo social. Jaguarão sem a Bailante é um cousa desemxabida bem difícil de suportar, que em nada se parecerá com o Jaguarão. A morte da Bailante, o faria retrogradar em sua civilização [Nesta aparece uma nova diretoria, composta pelo Presidente Menandro Rodrigues Fontes e ainda entre os seus membros já aparecem os citados Dr.Henrique Francisco d´Ávila e Dr. José Francisco Diana, como diretores] Esta diretoria abrirá uma nova época nos destinos da bailante, collocando-a em posição harmônica com o estado de nossa civilização e progresso. É de esperar que ilustre directoria conseguirá o appoio da sociedade jaguarense para completa rehabilitação da nossa unica sociedade de baile público (ATALAIA DO SUL. Jaguarão, 23 de setembro de 1875.

A nota também prescrevia que as moças deveriam ir com vestidos de chita, pois a simplicidade garantiria a continuidade da bailante, visto que um dos problemas apontados pelo redator seria a impossibilidade de que todos pudessem usar trajes luxuosos; portanto, o luxo seria um problema do grupo, uma das razões da decadência da entidade, e na verdade possivelmente seja um subterfugio para tentar encontrar justificativas para o declínio da entidade. Na nota seguinte, do mesmo jornal, no dia 07 de outubro de 1875, o cronista salienta que a partida mensal, como era chamada a bailante., foi muito boa, e reiterou a censura ao problema do luxo nas vestimentas femininas, finalizando seu apontamento em tom afirmativo, na frase "agora sim, podemos nutrir convicção robusta de que a bailante voltará ao tempo de suas antigas glórias". A pesquisa aponta que a crise da Bailante, acompanha a crise do império brasileiro após o desfecho da guerra do Paraguai, assim a sociabilidade, aliada à revoluções em curso: abolição da escravatura e proclamação da república, já apontavam para a necessidade de novas formas de sociabilidade, mais modernas e em acordo a uma década intensa de transformações como foi a penúltima do século XIX.

Três anos mais tarde, em 31 de outubro de 1878, ainda no jornal *Atalaia do Sul*, é registrada outra atividade em homenagem ao Visconde de Pelotas[8], considerada pelo cronista como "pomposo baile", afirmando "É de esperar que reine maior animação e brilhantismo".

[8] Tal nota, reitera o apontamento para a circulação da elite na época e que passavam por Jaguarão, assim como o uso do baile como forma de sociabilidade dentro deste grupo social. Sobre o Visconde de Pelotas: José Antônio Correia da Câmara, futuro visconde de Pelotas, nasceu em Porto Alegre em 17 de fevereiro de 1824, filho do general José Hipólito de Lima e de Maria Benedita Correia da Câmara. Seu avô, Patrício José Correia da Câmara, foi o primeiro visconde de Pelotas; seu irmão Leopoldo Augusto da Câmara Lima foi agraciado com o título de barão de São Nicolau. Em 1839 ingressou na carreira militar, no 3° Regimento de Cavalaria, e logo tomou parte em batalha contra os revolucionários envolvidos na Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos, que conflagrou o Rio Grande do Sul entre 1835 e 1845. Em 28 de março de 1880 foi nomeado ministro de Estado dos Negócios da Guerra. Nesse mesmo ano assumiu uma cadeira no Senado pelo Partido Liberal. Deixou o ministério em 15 de maio de 1881, mas permaneceu no Senado até 1889. Como senador, defendeu, em 1887, os implicados na chamada Questão Militar. Advogou também a causa de emancipação dos escravos e desenvolveu a rede ferroviária no Rio Grande do Sul. Com a proclamação da República em 15 de novembro de 1889, e a instalação do governo provisório chefiado pelo marechal Deodoro da Fonseca, foi por este indicado governador do Rio Grande do Sul. Substituiu assim o vice-presidente da província, Justo de Azambuja Rangel, que desde 6 de novembro ocupava interinamente o lugar do titular Gaspar Silveira Martins. Permaneceu à frente do governo rio-grandense até 11 de fevereiro de 1890, quando foi substituído por Júlio Anacleto Falcão da Frota. Voltou a assumir o governo do estado entre 8 e 17 de junho de 1892, em conjuntura de grande instabilidade, que conduziu, no início de 1893, à eclosão da Revolução Federalista. Faleceu no Rio de Janeiro em 18 de agosto de 1893. Fonte: http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/C%C3%82MARA,%20Jos%C3%A9%20Ant%C3%B4nio%20Correia%20da.pdf acesso em 30/07/2017

Já em 1879, observamos outra vez as dificuldades para manutenção da mesma, através da correspondência oficial consultada junto ao Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão, enviada pela Bailante para Bernardino José de Oliveira, para filiação compulsória na Sociedade Recreação Familiar Jaguarense por pelo menos 1 ano, como forma de apoio à instituição, assinada por d'Ávila, enquanto presidente e demais integrantes da diretoria. Trazemos a transcrição do documento:

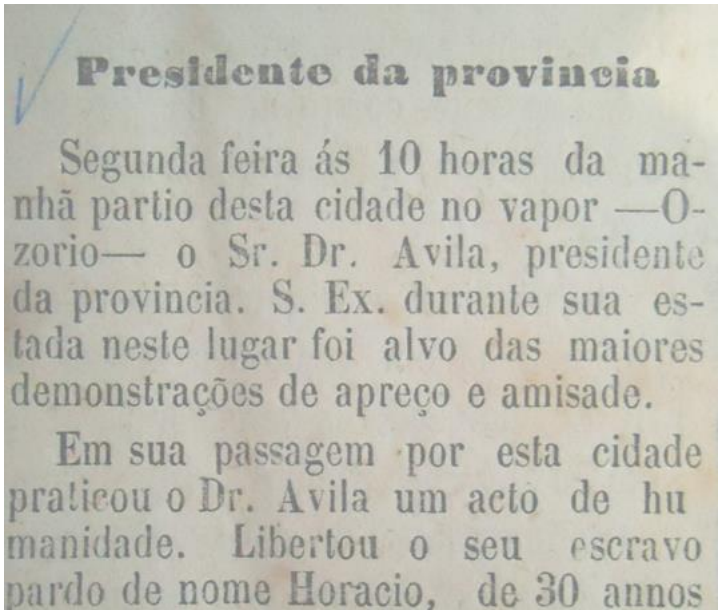
> Tem poucos socios a bailante e tão poucos que não pode ser sustentada com sua receita. E no entanto, a bailante é uma associação de utilidade manifesta, e tão necessária que há 27 annos existe ela sendo sustentada pelos habitantes desta cidade até mesmo nas épocas mais calamitosas porque tem passado a nossa sociedade com as da peste e da guerra. E o único divertimento mensal que possuem as nossas famílias em Jaguarão, é aquele que mais concorre para aproximar e fraternizar. Assim pois a bailante deve ser sustentada mesmo com sacrifício daqueles que desejam o progresso da sociedade jaguarense. Conscios de que V. S. os acompanha nestes sentimentos, e nestas aspirações, os abaixo assignados tomam a liberdade de inscreve-lo como sócio d'essa útil e necessaria sociedade, pelo praso mínimo de um anno e esperando V. S. não se negara a aceitar este convite desde já lhe ficam agradecidos aquelles que presam-se ser. (Correspondência emitida pela Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, 1879)

Em suma, o documento destaca que a bailante funciona há 27 anos, atravessando doenças como a epidemia de cólera, e guerras que inclui a invasão dos blancos uruguaios e a do Paraguai. Assim, o presidente da entidade assinala que ela é o único espaço para diversões na cidade, com base nisso, solicitava devida atenção, remetendo, portanto, sua fundação ao ano de 1852. Trata-se de documento inédito ainda não descrito em outros trabalhos.

Nesse período, logo após, no ano seguinte, o presidente da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, é nomeado pelo Imperador Dom Pedro II para a presidência da Província de São Pedro do RS, exercida entre os anos de 1880 e 1881, segue nota no jornal local (Fig.13) sobre sua passagem no município. Nesta nota podemos perceber a movimentação com relação ao tema do abolicionismo, pois é relatado a libertação de um escravo. Cabe esclarecer que o presidente de província era eleito pelo Imperador de acordo com Côrrea (2003), e por fim acrescer que Henrique Francisco d'Ávila também foi Ministrro da Agricultura e Ministro dos Transportes do Império em 1883 e Presidente da Província do Ceará no ano de 1889. A realização de um gesto público como autoridade instituída, em prol do abolicionismo, coloca o liberal d'Ávila como abolicionista de primeira ordem, no

movimento em curso desde os idos de 1868. Neste sentido já anunciamos, que mais tarde, em 1882, após a transformação da bailante em clube social, este será o espaço onde vai funcionar o clube abolicionista.

Figura 3 – Nota sobre Henrique Francisco d´Ávila



Presidente da provincia

Segunda feira ás 10 horas da manhã partio desta cidade no vapor —Ozorio— o Sr. Dr. Avila, presidente da provincia. S. Ex. durante sua estada neste lugar foi alvo das maiores demonstrações de apreço e amisade.

Em sua passagem por esta cidade praticou o Dr. Avila um acto de humanidade. Libertou o seu escravo pardo de nome Horacio, de 30 annos

Fonte: Disponível em: ATALAIA DO SUL. Jaguarão, 30 de dezembro de 1880.

Soares (2011) esclarece também o contexto da visita de d'Ávila, sobre a divulgação de obras necessárias para melhorar a navegação na região, principal meio de transporte na época.

> Com grande felicidade para os jaguarenses na ocasião exercia a Presidência da Província o Dr. Henrique D'Ávila, que prometeu aportar em Jaguarão no dia 22 de dezembro, a fim de assistir a Festa do Divino. Mas havia também uma intenção política no ilustre homem público (nascido no Herval, mas residente em Jaguarão), que era vistoriar as obras do canal do Sangradouro (a mais importante reivindicação dos habitantes desta cidade no século XIX e da qual ele se sobressaíra como um dos mais aguerridos e entusiastas defensores), e que após longos anos de esperas tinham finalmente iniciado. E assim sucedeu, pois o Conselheiro D'Ávila chegou na data aprazada e na companhia do Arcebispo D. Vicente Zeferino Dias Lopes (...) ambos regressando à capital no dia 27 de dezembro(...). (SOARES, 2011, p.242)

O último relato significativo que encontramos no nosso arquivo sobre a Bailante refere-se ao carnaval. No jornal *Atalaia do Sul*, data de 10 de março de 1881, é destacado o sucesso

do carnaval com um baile na bailante, com início após 22:00h, terminando às 4:00h. A nota aponta também um marco na liberação dos costumes femininos, pois o baile à fantasia permitiu o uso de máscaras, possibilitando igualdade entre os gêneros, questão até então impensada e praticada em Jaguarão de outrora, segundo o relato do cronista. Igualmente descreve que algumas fantasias mais elaboradas provocaram admiração do público e as grotescas ficaram na indagação, se "produzindo o rizo, a hilaridade e corrigir os costumes pelo ridículo e a sátira inofensiva?". Escreve ainda defendendo a importância do carnaval.

> O carnaval apreciado superficialmente representa a futilidade; estudado, porem, por todos os seus aspectos mostra o lado philosophico que o caracterisa. É uma distração para o espírito humano; mas é uma distração que ensina a historia, os costumes e tradições, desperta o estudo para o gosto das artes e da litteratura; illuminando a imaginação e a intelligencia – crea a civilização.

Por fim, o cronista menciona novamente, em linhas posteriores, a importância da existência de um grupo denominado como "Club Tal", que recebeu felicitações, pois acabaria de "**lançar a pedra fundamental para a instituição do carnaval na cidade de jaguarão**" [grifo nosso]. Isto nos parece uma evidência de um período de transformação e, logo, seria fundado o primeiro clube do município, o Club Jaguarense, em 1881. O Jaguarense foi fundado no dia 18 de agosto de 1881, conforme texto publicado por Claudio Rota Rodrigues em 16 de agosto de 1981 no Jornal Correio do Povo:"...Das cinzas da extinta "Bailante Sociedade Reacreação Familiar Jaguarense" que deixara um patrimônio de 1.300S000 (um conto e trezentos mil réis) surgiu na data festiva de 14 de agosto de 1881 por iniciativa do Dr. Henrique de Ávila...".

CONCLUSÃO

O trabalho em questão identificou os primórdios do objeto do estudo, da Associação Cruzeiro Jaguarense, denominação atual, desde 1975, como o Club Jaguarense, fundado em 1881. E ao entrar no trabalho de campo, a pesquisa identificou que a entidade foi fundada à partir da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, mais conhecida como Bailante. Destacamos que trabalhos que citavam a Bailante, remetiam o seu começo ao ano de 1857 como seu início, mas que o trabalho agora, com novas fontes, consegue alcançar o ano de 1852.

Desta forma, com o estudo em questão, foi possível traçar significativas pontes entre a história e memória, tendo em vista as fontes consultadas, destacando a Sociedade Recreação Familiar Jaguarense como espaço de sociabilidade da elite local no século até o seu desfecho em 1881. Já anunciando as transformações que passava a sociedade no século XIX, onde os imperiais permaneceram mais próximos ao Jaguarense e os republicanos em ascenção estavam mais direcionados a formação do Cassino Jaguarense em 1884 que mais tarde seria denominado como Clube Harmonia.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Emanuel. **O teatro dos vícios**: transgressão e transigência na sociedade urbana colonial. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

ATALAIA DO SUL. Jaguarão. 22 de janeiro de 1871. Folhetim Crohnica do baile. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL. Jaguarão. 27 de janeiro de 1871. Folhetim Crohnica do baile. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL. Jaguarão. 23 de setembro de 1875. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão

ATALAIA DO SUL. Jaguarão. 31 de outubro de 1878. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão

ATALAIA DO SUL. Jaguarão. 30 de dezembro de 1880. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL. Jaguarão. 10 de março de 1881. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**: Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

CÂMARA, José Antônio. Verbete. In**. CPDOC. Fundação Getúlio Vargas**. Disponível http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/C%C3%82MARA,%20Jos%C3%A9%20Ant%C3%B4nio%20Correia%20da.pdf acesso em 15/11/2017.

CORREIO DO POVO. 16 de agosto de 1981 Jaguarão, apenas para lembrar. Texto de Claudio Rota Rodrigues. p.8

DIÁRIO DE RIO GRANDE. Rio Grande. 19 de abril 1855 Fonte: Biblioteca Pública de Rio Grande

DIÁRIO DE RIO GRANDE. Rio Grande. 05 de maio 1855 Fonte: Biblioteca Pública de Rio Grande

LONER, Beatriz. **Construção de classe:** operários de Pelotas e Rio Grande. 2.ed. Pelotas: Ed. UFPel, 2006.

MARTINS, Roberto Duarte. **A ocupação do espaço na fronteira Brasil-Uruguai**: a construção da cidade de Jaguarão. 2001. 271 f. Tese, Doutorado em Histórias Especializadas. Universidade Politécnica da Catalunha, Espanha, 2001. Fonte: Disponível em: <http://upcommons.upc.edu/handle/2117/93390>. Acesso em: 25/07/2017.

MÜLLER, *Dalila*. **"Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza":** Espaços de sociabilidade em Pelotas (1840-1870). 2010. 399 f. Tese, Doutorado em História. Universidade Do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2010. Fonte: Disponível em: <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/DalilaMullerHistoria.pdf>. Acesso em: 25/07/2017.

O JAGUARENSE.25 de julho de 1857. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PRYORE, Mary del. Bailes, bailados e soireés e saraus: regras de diversão. In: _____. **"Histórias da Gente Brasileira:** Império (vol.2)", Editora LeYa, 2016. Fonte: Disponível em: <http://historiahoje.com/bailes-bailados-soirees-e-saraus-regras-e-diversao/>. Acesso em: 29/05/2017.

RAMOS, Eloisa Helena Capovila da Luz. Cidades e Sociabilidades (1822-1889). In. PICCOLO, Helga I. L. ; PADOIN, Maria Medianeira (Direção). **Império**. Passo Fundo: Méritos 2006, p. 423-447 V.2 (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

A REFORMA. Jaguarão, 18 de setembro de 1872. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

SOARES, Eduardo Álvares de Souza. **Igreja Matriz do Divino Espírito Santo de Jaguarão.** Porto Alegre: Evangraf, 2011.